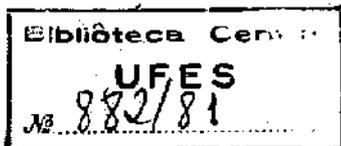


capa de
JANE



316.001.5
A951

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados
(mimeografia, xerox, datilografia, gravação, reprodução em disco
ou em fita), sem a permissão por escrito da editora.
Aos infratores se aplicam as sanções previstas nos artigos 122 e 130 da
Lei n.º 5.988 de 14 de dezembro de 1973.

TOMB./93
Reg. 038.819
Sist. Bibliotecas / UFES

1978

Direitos para esta edição contratados com
ZAHAR EDITORES
Caixa Postal 207. ZC-00, Rio

Impresso no Brasil

INDICE

<i>Pequena Introdução à Aventura Sociológica</i> EDSON DE OLIVEIRA NUNES	9
I — A Busca da Realidade Objetiva Através da Entrevista e da Observação	
A — Versão Qualitativa	21
1. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter "Anthropological Blues" (ROBERTO DA MATTA)	23
2. Observando o Familiar (GILBERTO VELHO)	36
3. Entrevistando Famílias: Notas sobre o Trabalho de Campo (TANIA SALEM)	47
B — A Versão Quantitativa	65
4. "Brain Drain": Pesquisa Multinacional (SIMON SCHWARTZMAN) <i>Os Resultados</i>	67
<i>A Metodologia</i>	68
<i>A Teoria</i>	74
↳ <i>O Contexto Institucional</i>	77
<i>Pesquisa Pura ou Pesquisa Aplicada</i>	79
<i>Conclusões</i>	81
5. Método e Improvisação, ou como Conseguir uma Entrevista Naquele Setor Que Vai dos Fundos da Igreja Matriz até o Córrego e Dali às Margens da Rio-Bahia (AMAURY DE SOUZA) <i>Fontes de Erros em Pesquisas or Amostras</i>	86
<i>O Desenho Amostral e o Problema da Não-Cobertura</i>	89
<i>O Trabalho de Campo e o Problema da Não-Resposta</i>	100
<i>Bibliografia</i>	108
C — A Associação das Técnicas	119
6. Observação Participante e "Survey": Uma Experiência de Conjugação (NEUMA AGUIAR)	123
↳ <i>História Pessoal e Eleição de um Problema Científico</i>	125
↳ <i>A Construção do Problema de Investigação: Da Biografia à Teoria</i>	130
<i>Generalização ao Nível da Coleta de Dados</i>	135
	137

dos órgãos de comunicação de massas, às vezes por censura, muitas vezes por simples desconhecimento. Desta forma, há indivíduos, situações, grupos de outras sociedades e culturas que nos são mais familiares do que muitas facetas e aspectos de nosso próprio meio, sociedade. Evidentemente coloca-se o problema de criticar essas noções e imagens mais ou menos estereotipadas que nos chegam através desses veículos e perceber como e quanto podemos conhecer sobre essas realidades espacialmente distantes.

De qualquer forma o familiar, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma Antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas.

Handwritten notes:
 mudança social:
 n. só transferência
 instância, mas tb
 interações cotidianas...

3

Entrevistando Famílias: Notas sobre o Trabalho de Campo

TANIA SALEM

O presente artigo constituiu-se, originalmente, num apêndice da tese de Mestrado que apresentei ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IUPERJ¹. A pesquisa versava sobre relações familiares — mais especificamente, sobre a relação entre pais e filhos adultos — e privilegiou famílias localizadas nos estratos médios e superiores.

Meu interesse por esse tema teve suas raízes em experiências pessoais que mantive com alunos universitários e outros jovens de 18 a 25 anos pertencentes a essas camadas sociais. O contato com eles me fez perceber alguns traços recorrentes em seu comportamento como, por exemplo, uma certa resistência a ingressar no mercado de trabalho, a quebra do tabu da virgindade por parte das moças, o uso de tóxicos etc. . . Minha suposição era a de que tais atitudes deveriam estar tendo reflexos no relacionamento entre pais e filhos. No entanto, eu só conhecia alguma coisa desses jovens, mas não de seus pais. Por conseguinte, a motivação inicial que me levou a estudar família foi a de ver como estavam se atualizando essas relações no seu interior nesse momento específico da vida familiar caracterizado pelo fato de que, dada a idade dos moços, recaía sobre eles a expectativa de que, em breve, deveriam deixar a casa paterna para constituírem suas próprias famílias.

Para atingir esse objetivo, optei por fazer uma pesquisa qualitativa, intensiva, com entrevistas em profundidade com cada membro da família separadamente. Antes porém de efetuar os encon-

¹ Ver *O Velho e o Novo: Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*, mimeografado, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1977.

tros individuais, era marcado um primeiro contato com todos os potenciais informantes no qual eu explicava minhas intenções com o trabalho. Desenvolvo comentários sobre essa reunião coletiva mais abaixo.

O universo de análise foi uniformizado com respeito a alguns critérios: a) a renda das famílias deveria variar entre Cr\$ 30.000,00 e Cr\$ 60.000,00; b) elas deveriam ser moradoras em bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro; c) as famílias deveriam ser completas — isto é, pai, mãe e filhos deveriam estar morando em casa; d) a família deveria ter, pelo menos, um filho e uma filha residentes com a idade mínima de 18 anos. Esses requisitos foram assim formulados pois apontavam para o universo no qual percebia estarem ocorrendo as modificações acima aludidas. O critério sexual foi incluído nessa listagem devido à ênfase dada pela literatura sociológica às diferenças entre papéis femininos e masculinos no núcleo familiar. Em apenas uma situação um desses requisitos foi, intencionalmente, violado: entrevistei uma família cuja filha única tinha deixado a casa dos pais, contra a vontade destes, para morar com um homem desquitado. Achei que este poderia ser um interessante caso para entender como a geração mais velha lida com uma "saída não institucionalizada". A moça participou do primeiro encontro no apartamento dos pais mas foi entrevistada em sua nova residência.

O estudo foi governado por uma série de limitações: não só de tempo disponível, mas também por ter sido feito sem auxílio de assistentes e sem suporte material de instituições. Acrescentem-se as dificuldades decorrentes de se encontrarem famílias que se dispõem a permitir uma "invasão" em sua intimidade e que, ademais, se adequassem aos critérios mínimos estipulados. Diante de tais circunstâncias, intenções mais ambiciosas quanto ao número de famílias a serem investigadas tiveram que ser restringidas. Os dados coletados dizem respeito a apenas oito famílias. Visto que em algumas delas havia mais do que um casal de filhos com idade igual ou superior a 18 anos, o número de entrevistas totalizou trinta e nove: além dos dezesseis informantes da geração mais velha, obtive o depoimento de nove filhos e catorze filhas. Os encontros individuais, feitos com gravador, tiveram duração variável entre uma e três horas.

A análise propriamente dita se converteu não em um estudo de família e sim de papéis familiares. Este me pareceu ser o procedimento mais conveniente para organizar o material e tentar generalizações. Todavia, com o intuito de facilitar para o leitor a identificação dos membros componentes de uma mesma família, seus nomes são iniciados por uma mesma letra e, ainda para diferenciar

os filhos de seus pais, o casal teve seu nome dado no mesmo padrão — evidentemente que um no masculino e o outro no feminino. Assim, por exemplo, na família C, o pai foi chamado de Cláudio, a mãe de Cláudia e os filhos de Carlos, Clara, Cristina e Carmem.

Esse artigo tem por intenção não só explicar como foram conseguidas as famílias que constituíram o universo de análise como também ser um depoimento bastante pessoal sobre minhas impressões acerca da relação entre entrevistado e entrevistador. Não tenho, pelo menos no momento, o propósito de teorizar e formalizar em cima dessas experiências, mas tão somente o de descrever aspectos e problemas práticos que enfrentei no trabalho de campo e que me pareceram relevantes.

A primeira dificuldade com que me deparei ao iniciar a pesquisa foi a de encontrar famílias que, adequando-se aos requisitos estabelecidos, aceitassem servir como informantes. Numa primeira etapa, amigos e familiares, que por sua vez contactavam com outros conhecidos, foram mobilizados para me auxiliar nessa tarefa. Pedia a esses intermediários que mencionassem às famílias apropriadas que esta era uma dissertação de mestrado cujo tema central se referia à relação entre pais e filhos-adultos e, caso fosse consentido, eu iria às suas casas para fornecer explicações mais detalhadas sobre o trabalho. Frisava também que o fato de me concederem essa visita não implicava em sua aceitação em participar do mesmo. A resposta definitiva só seria pedida após estarem suficientemente informados sobre os objetivos do estudo e a forma como seriam conduzidas as entrevistas. Não havendo objeções, eu contactava com um membro da família por telefone e o primeiro encontro era marcado.

Soube, através desses intermediários, que algumas famílias se negaram a aceitar essa primeira visita alegando, em geral, que o tema era muito particular para que fosse conversado com estranhos. Houve apenas um caso em que um desses intermediários me deu o telefone de uma família, em princípio disponível e que, todavia, não consegui que nosso encontro se efetuassem. A mãe, nas diversas vezes que telefonei, embora não recusando diretamente, adiou tanto o contato inicial — ora alegando doença, ora viagem de um dos membros, ora dificuldade de horário — que acabei por desistir. Com relação às outras famílias o consentimento dado aos intermediários implicava, de modo automático, na aceitação em me receber em suas casas.

As três primeiras famílias foram conseguidas da seguinte maneira: uma amiga de minha mãe conduziu-me à família L e uma

amiga de minha irmã, tendo conversado com seus pais e irmãos, ofereceu-se para ser entrevistada (família C). Minha irmã é seis anos mais moça do que eu, e nesse sentido, se bem que conhecesse Cristina, nossas relações não eram de intimidade. Eu não conhecia nenhum outro membro dessa família. A indicação de uma amiga pessoal levou-me, inadvertidamente, a contactar com a mãe de uma outra amiga de minha irmã (família J). Eu conhecia a moça porque ela freqüentava a casa de meus pais; já tinha visto a mãe e trocado algumas palavras com ela mas desconhecia os outros componentes da família. Embora Júlia tivesse manifestado, no primeiro encontro, uma certa resistência em servir como informante, a aceitação e uma certa pressão difusa por parte dos outros membros fez com que ela cedesse à sua relutância. Durante sua entrevista ela, de modo voluntário, justificou sua atitude inicial alegando que estava atravessando um difícil momento na sua vida familiar, visto que sua única filha tinha saído de casa para morar com um homem desquitado e pai de três filhos. Embora o fato já tivesse se consumado nove meses antes do nosso encontro, esse assunto, segundo ela, ainda não era encarado com naturalidade e por isso procurava evitar com que se tornasse público. Mencionou ainda que o fato dela conhecer meus pais (o contato entre eles se devia, exclusivamente, à amizade entre as filhas) dificultava, ainda mais, ter que comentar a situação comigo. Por outro lado, ressaltou também em que aspectos sua concordância em ser entrevistada lhe havia sido proveitosa. Volto a esse ponto mais abaixo.

Essas três famílias foram entrevistadas nos meses de novembro e dezembro de 1975.

Em meados de março reiniciaram-se as aulas na faculdade onde eu lecionava. Dado que um dos tópicos do programa do curso versava sobre família, em lia e comentava em sala, trechos do primeiro relatório da pesquisa que estava baseado nas três famílias acima mencionadas. Os alunos demonstraram interesse pelo trabalho e percebi que, dada sua idade média, eles se constituíam numa importante fonte de auxílio para a obtenção de outras famílias. Foi por meio deles que tive oportunidade de marcar o primeiro encontro com as famílias F e P, cujos membros me eram inteiramente desconhecidos. As entrevistas com elas foram efetuadas, respectivamente, em maio e junho de 1976.

Numa dessas turmas uma aluna ofereceu sua própria família (família A). Até esse momento meu contato com essa moça era praticamente nulo: em verdade eu nem sabia seu nome não só porque o curso havia recém-iniciado como também porque ela nunca havia se manifestado nas aulas. De início fiquei um pouco indecisa

pois temia que isso pudesse comprometer, de algum modo, nosso relacionamento em sala. No entanto ela se mostrou muito segura em sua decisão e, por conseguinte, tanto o primeiro encontro bem como as entrevistas individuais com sua família foram feitos em abril de 1976. Não percebi qualquer interferência prejudicial daí decorrente; pelo contrário, a aluna começou inclusive a participar mais ativamente nas discussões travadas em aula.

Ex-alunos dessa mesma faculdade também foram mobilizados e uma delas também sugeriu que eu entrevistasse sua própria família (família M). Meu contato com Mônica — que havia freqüentado o meu curso no semestre anterior — era, nesse momento, maior do que com Andréa, dado que sempre fora uma aluna mais participante. Apesar disso nossa relação nunca ultrapassou a própria faculdade. Sua família foi entrevistada em maio de 1976.

A família R, por sua vez, foi conseguida por intermédio de um conhecido de uma amiga minha, com o qual eu nunca tivera qualquer contato. Os encontros com os componentes dessa família se deram em abril de 1976.

Assim, quatro das oito famílias entrevistadas me eram inteiramente desconhecidas ao passo que nas restantes eu conhecia um dos seus membros. No entanto, *outras variáveis* — citadas mais abaixo — me pareceram ser mais relevantes para explicar diferenças percebidas na relação entre entrevistado e entrevistador do que o desconhecimento ou conhecimento prévio dos informantes. Isso, pelo menos em parte, pode ser explicado pela superficialidade no relacionamento mantido com aquelas pessoas que eu conhecia antes da entrevista propriamente dita.

Como já mencionei, quando havia o consentimento por parte da família — via os intermediários — para minha entrada em suas casas, o primeiro encontro era marcado por telefone. Nesse momento eu pedia que todos os potenciais entrevistados estivessem presentes à reunião. À exceção das famílias L, A e P, em todos os outros casos isso foi possível.

Nessa visita eu me apresentava enquanto profissional — ou seja, dizia que era socióloga, professora universitária e que estava fazendo uma tese de pós-graduação sobre família. Expunha, em linhas gerais, minhas intenções com a pesquisa e explicava que as entrevistas eram individuais e gravadas com uma duração aproximada de duas horas. Garantia um sigilo absoluto com relação às fitas: não só suas identidades seriam protegidas ao máximo no trabalho escrito mas também que as fitas e informações dadas por cada um deles não circulariam entre os outros componentes da família. Respondia às perguntas que porventura me fossem formula-

das, cujo comentário faço mais adiante. Ao final perguntava se eles queriam mais tempo para pensar — em conjunto ou individualmente ou ainda para consultar os outros membros que não estivessem presentes — se estavam, de fato, dispostos a participar da pesquisa. Comprometia-me a telefonar num prazo de alguns dias para saber a resposta definitiva: tinha em mente que recusar (e ser recusada) pelo telefone era uma situação menos embaraçosa do que cara a cara. Esse procedimento, no entanto, não se mostrou necessário visto que todas as famílias responderam afirmativamente ao final dessa primeira reunião.

Houve apenas um caso em que um membro concordou em servir como informante e, por fim, não foi entrevistado. Isso ocorreu na família A, com André, o filho mais velho. Ele demonstrou, em nosso contato inicial, certa relutância em participar da pesquisa, alegando que passava muito tempo no trabalho e que, nesse sentido, não tinha muita coisa a dizer sobre família. Argumentei que tal fato não era, de modo algum, comprometedor pois já era, em si, um dado importante para o estudo. Diante disso, sua resposta final foi positiva. Contudo, senti que as vezes que chegava em sua casa para as outras entrevistas ele se esquivava muito de mim tornando difícil marcar nosso encontro. Além do mais, sua mãe e duas de suas irmãs — de modo espontâneo — me desaconselharam a insistir, alegando que ele era uma pessoa extremamente fechada mesmo com os membros da família. Como eu já tinha a entrevista de um outro filho, acabei desistindo.

Como em três famílias os membros presentes respondiam pelos ausentes, antes de iniciar o encontro com esses últimos, eu reproduzia as informações essenciais sobre o modo de conduzir o trabalho. Pelo menos em um caso essa atitude mostrou ser relevante: quando garanti a Anita que nenhuma outra pessoa na família teria qualquer conhecimento acerca do que me dizia, ela falou: “ah, quer dizer que eu posso dizer toda a verdade, né?”

Esse primeiro contato — além de necessário para esclarecimentos dos possíveis informantes — me parecia importante também por outras razões. Era o único momento em que eu pretendia deparar com a família reunida e, ademais, permitia que entrevistado e entrevistador se conhecessem antes da entrevista propriamente dita, o que ajudava a criar um clima menos tenso para ambas as partes.

De um modo geral fui recebida com muita cortesia e amabilidade nas casas. Mas antes de o encontro ser efetuado e mesmo nos momentos iniciais, ele estava revestido de ansiedade de minha parte. É verdade que quando conhecia um dos componentes da fa-

mília eu me sentia um pouco mais escorada, mas, mesmo assim, ela nunca foi uma experiência inteiramente relaxante. Contudo, após alguns minutos, a tensão tendia a se tornar menor, embora o tempo necessário para que isso ocorresse variasse de família para família. Exemplifico essa situação com dois casos extremos que se verificaram com famílias que eu desconhecia totalmente. Na família F minha acomodação foi rápida: gostei, de imediato, das pessoas. O apartamento estava em obras e quando lá cheguei a casa estava inteiramente desorganizada. Tive que esperar algum tempo para que todos se reunissem: a filha (Flávia) estava em seu quarto fazendo depilação, Fábio falava ao telefone e Felipe, o filho mais velho, assinava alguns papéis. Quando enfim todos se sentaram, tive grande dificuldade em explicar sobre o que versava o meu trabalho por ser, a todo momento, interrompida com perguntas as mais variadas. O pai não falava nada mas sorria de um modo muito amigável. No meio de toda aquela confusão fui sentindo um clima de muita descontração e aconchego.

Na família P ocorreu o inverso. Quando entrei na sala o pai assistia televisão: cumprimentou-me de modo cerimonioso e, continuou a assistir ao programa. Enquanto esperávamos a filha mais nova, que estava em seu quarto, comunicaram-me que o filho não poderia estar presente porque estava na faculdade. O namorado da filha mais velha chegou e, repentinamente, eles começaram a conversar entre si sobre um assunto que impossibilitava minha participação, visto que girava em torno de pessoas que eram suas amigas. Essa situação foi muito desconcertante e, naquele momento, eu mesma me perguntava sobre a minha vontade de entrevistá-los. Da forma mais delicada possível, interrompi a conversa e pedi licença para falar da pesquisa. Quando, no final do encontro individual com a filha mais velha (Paloma), lhe perguntei como se sentira antes e durante a entrevista, ela se referiu ao fato de ter percebido e estranhado meu mal-estar na primeira visita, afirmando que, em geral, as pessoas se sentiam muito à vontade em sua casa. Seu comentário não foi feito de modo agressivo, mas me fez pensar se alguma atitude minha não teria provocado, na primeira reunião, a resposta por parte da família em ignorar minha presença na sala. Sua observação revelava também que, por mais neutra que tentasse ser, meu comportamento — às vezes inteiramente inconsciente — era um importante indicador para que os entrevistados me percebessem.

Assim, desse primeiro contato derivava, para mim e para os informantes, um certo “clima” mais ou menos agradável, que certamente marcava os momentos iniciais das entrevistas individuais,

No entanto, com alguma frequência, ocorreram surpresas nesses encontros: pessoas que falaram muito e que se mostraram mais seguras quando a família estava toda reunida tiveram um comportamento mais tímido nas entrevistas particulares e vice-versa.

Antes de prosseguir com outras observações sobre os contatos com cada membro da família gostaria de ressaltar um ponto que me pareceu de suma importância nessa reunião inicial e que diz respeito ao *tipo de perguntas* que me foram feitas pelos informantes nesse momento. A quantidade de questões que me eram colocadas, como é óbvio, variava de família para família. Contudo, chamou-me a atenção o fato de que poucos se interessassem pela pesquisa propriamente dita, ao passo que, de modo muito recorrente, as perguntas formuladas giravam em torno de minha vida particular. Infelizmente fiz anotações pouco sistematizadas sobre o que cada um deles me colocava. Além do mais, algumas famílias já conheciam alguma coisa de mim e não sei o quanto de informação os intermediários deram a meu respeito para essas pessoas. Apesar dessas lacunas insisto em desenvolver esse tema porque certas linhas gerais foram percebidas. A importância de anotações mais cuidadosas sobre as perguntas feitas se deve ao fato de que elas revelam o modo pelo qual os entrevistados procuram situar o entrevistador no seu universo e, nesse sentido, constituem um dado fundamental para a pesquisa.

Quando terminava de explicar sobre o que versava o trabalho, às vezes me via bombardeada por perguntas de ordem mais pessoal: onde eu morava, se era casada e tinha filhos e às vezes até mesmo a profissão do meu marido (em uma das casas o pai quis saber até mesmo a profissão do meu pai) e também sobre minha vida profissional: em que faculdade tinha feito o meu curso, em que faculdade dava aula, etc... Em nenhum momento recusei responder a essas questões não só porque não eram constrangedoras mas também porque percebi que, por meio delas, os informantes estavam tentando organizar a desorganização que minha entrada em suas casas provocava. Assim, de certo modo, esse primeiro encontro permitia uma inversão de papéis; eu passava a ser a entrevistada e eles, os entrevistadores. Percebi que, através das perguntas que giravam em torno de minha vida particular, os informantes estavam buscando pontos de afinidade entre a minha pessoa e a deles. Ou seja, tentavam situar-me em seu mundo e, ao que parece, através desse procedimento, procuravam amenizar minha posição de "invasora".

As questões levantadas pela geração mais velha indicavam uma tentativa de me posicionar social e economicamente — as per-

guntas sobre onde eu morava, profissão de meu marido, etc... provinham, basicamente, dela. Não tenho dúvida de que o fato de sabermos que eu morava num bairro considerado de elite (Joá) se converteu em um importante "laço de cumplicidade" para os pais. Com alguma frequência nas entrevistas eles falavam em "gente da nossa classe" e no encontro com o pai da família R ele citou o nome de uma série de famílias tradicionais do Recife, perguntando, a todo momento, se eu as conhecia. Esse traço de afinidade possivelmente interferiu nas entrevistas mas, por outro lado, me convertia numa pessoa, a seus olhos, menos estranha, e por conseguinte deve ter facilitado minha entrada em suas casas.

As jovens — mas sobretudo as mães — queriam saber do meu estado civil e se tinha filhos e, ainda que tivessem sido informadas que estes tinham quatro e três anos, três mães, durante suas entrevistas individuais comentaram: "Você é mãe, você me entende."

A geração mais nova mostrou-se mais interessada na minha vida profissional: as perguntas sobre as faculdades em que eu lecionava, onde havia feito meu curso de graduação e pós-graduação foram formuladas por jovens.

Pouco a pouco comecei a perceber quais as características que eu tinha que se convertiam em recursos importantes para meu papel de entrevistadora: pertencência ao mesmo estrato sócio-econômico dos informantes, era casada e tinha filhos — ou seja, era uma pessoa com vida "regrada" e, por outro lado, era bastante jovem para que os filhos pudessem travar um contato mais aberto comigo.

No entanto, como é óbvio, estes recursos não são absolutos nem igualmente positivos — isto é, uma mesma característica me tornava mais próxima de um tipo de entrevistado e, ao mesmo tempo, me afastava de outro. Explico: ainda que pertencer à mesma classe social parecesse constituir um dado relevante para os pais (homens), o fato de ser mulher e, além do mais, ter uma idade aproximada à de suas próprias filhas, fez com que suas entrevistas, quando comparadas às dos outros membros, estivessem revestidas de um caráter mais cerimonioso, embora de forma alguma desagradável. É verdade que tanto em seus depoimentos como nos de suas respectivas esposas, eles se autoqualificavam e eram qualificados como pessoas mais reservadas. Nas entrevistas com Antônia e Fernanda, por exemplo, elas me advertiram da dificuldade que eu teria que enfrentar para conseguir uma aproximação com seus maridos. As duas informantes, extremamente religiosas, também afirmaram crer que Deus havia me enviado às suas casas para provocar uma maior abertura e uma "quebra de gelo" dos esposos. Apesar disso, não resta dúvida que minhas características pessoais

reforçavam o hiato na relação. Em alguns casos senti, claramente, uma necessidade por parte deles em reafirmar seu poder sobre mim. Por exemplo, Luís e Júlio durante o primeiro contato e também em suas entrevistas individuais dissertaram sobre filosofia e teorizaram sobre família. Este último informante, diante da relutância da esposa em participar da pesquisa (como já mencionado anteriormente), disse: "Acho que é hobagem tua. A Tania pergunta o que quiser. Agora, se eu vou ou não dizer a verdade é problema dela e não meu." Com essa afirmativa, Júlio exercia uma pressão sobre a mulher para que aceitasse ser entrevistada mas, concomitantemente, reafirmava para mim os seus próprios recursos enquanto entrevistado.

Assim, os pais em suas entrevistas discorriam com muita desenvoltura e mesmo com um certo orgulho sobre sua história de vida profissional (em alguns casos fui obrigada, inclusive, a interrompê-los) mas ao entrar no item referente às relações familiares eles se mostravam mais reticentes. Não deve ser menosprezado que, como eles mesmos declararam, essa esfera era mais da competência de suas esposas e, por conseguinte, era um tema com o qual estavam menos envolvidos. Por outro lado, embora não se recusando a responder nenhuma das questões colocadas, sua menor fluência frente a este assunto se explica não só por ser ele de ordem mais pessoal como também se acentuava pelas minhas características enquanto pesquisadora.

As entrevistas com as mães assumiram um caráter muito diferente. Na primeira reunião elas, de um modo geral, se manifestaram pouco e algumas, direta ou indiretamente, apresentaram maior relutância em sua decisão de servir como informantes. Renata perguntou se eu só entrevistaria cada pessoa apenas uma vez e pareceu-me mais aliviada quando respondi que sim. Quando perguntei a Maria como tinha se sentido antes da entrevista ela confessou que após nosso primeiro contato tinha dito para a filha: "Mônica, pra que você foi mandar a Tania aqui? Eu não sou de falar muito — você já imaginou eu ser entrevistada? Nem vou dormir essa noite... Pra que você foi inventar isso?" Surpreendentemente, não apenas Maria mas também as outras mães de um modo geral falaram não só de modo compulsivo durante os encontros como também expressaram muito envolvimento com a situação. Senti que as entrevistas provocavam nelas uma espécie de efeito de catarse. Júlia ressaltou que aceitar ser entrevistada teve para ela muita importância, não só porque pôde reavaliar sua relação com a filha que saíra de casa, como também porque era confortador poder conversar sobre esses problemas com outras pessoas.

Cláudia, nos primeiros minutos de sua entrevista, se referiu — de modo espontâneo — à vida amorosa extraconjugal de seu marido, alegando que sabia que este era um tema que me interessaria. O assunto, por certo, escapava aos propósitos da pesquisa mas ela, visivelmente emocionada, contou detalhes bastante íntimos sobre seu relacionamento com Cláudio e os difíceis momentos que estavam atravessando. Essa informante, Júlia, Luíza, Maria e também Renata, ao final do nosso encontro, agradeceram-me por tê-las escutado e três delas se referiram ao fato de que se sentiram como se estivessem falando com uma "amiga de muito tempo". Uma passagem da entrevista de Renata merece ser transcrita:

"eu sou uma pessoa muito fechada até mesmo com parentes. Eu não gosto de me introduzir na intimidade dos outros e não gosto que se introduzam na minha. Pra te falar a verdade eu nunca tive uma amiga com quem eu me abrisse totalmente. Eu não gosto. Por exemplo: minha filha mais velha ontem me telefonou de Brasília pra falar que está com um quisto no ovário e que precisa ser operada (...). O meu filho mais novo — de 15 anos — está atravessando uma fase muito difícil desde a morte do irmão (...). (Depois de discorrer longamente sobre esses assuntos, concluiu:) Essas coisas eu não conto para amiga nenhuma minha. Não conto e não contarei. Eu comento com minhas filhas mas não com amigas porque se não vira um clima de disse-me-disse e eu não gosto."

O texto acima me parece ser bastante revelador pois aponta por que a informante se recusa a conversar com amigas assuntos que, espontaneamente, levantou em nosso encontro.

Autores voltados para a Sociologia da Família têm acentuado a "invasão" que o pesquisador comete ao promover entrevistas que versam sobre uma área tão íntima da vida das pessoas.² Não resta dúvida de que isso não é, de modo algum, uma inverdade. No entanto, as informações acima dadas apontam para um outro lado dessa questão. O fato de o entrevistador ser uma pessoa fora do círculo de relações do informante facilita e talvez mesmo estimule, dentro de certos limites, uma maior abertura por parte do entrevistado. A garantia de que o pesquisador "entra mas sai" cria uma

² Ver, por exemplo, o artigo introdutório de Michael Anderson em *Sociology of the Family*, Michael Anderson (org.), Middlesex, Penguin Modern Sociology Readings, 1971.

situação de menor compromisso do que aquela existente com pessoas mais próximas — quer sejam amigas ou mesmo parentes. Assim, paradoxalmente, a pouca intimidade entre eles se converte em um recurso valioso para que seja estabelecido um contato bastante íntimo.

As entrevistas com os jovens reafirmam essa constatação. De um modo geral meu contato com eles esteve revestido de um clima muito descontraído, mesmo quando perguntas mais delicadas estavam em pauta. Com respeito aos rapazes pude perceber que o fato de estarem sendo entrevistados por uma mulher foi suplantado por nossa relativa proximidade em termos etários. Em apenas dois encontros — com Paulinho e Jayme — senti um clima menos relaxado: eles me pareceram, comparativamente aos outros, mais tensos durante quase todo tempo.

A partir da quinta família entrevistada resolvi introduzir uma última pergunta: eu pedia que eles me informassem como tinham se sentido após a primeira reunião e durante o encontro individual. Os pais (homens) foram os que deram as respostas mais neutras: acentuaram que a entrevista tinha sido muito agradável e alguns me desejaram sucesso no trabalho. Nos outros casos fiquei mesmo surpresa com a espontaneidade dos depoimentos. Já tendo feito comentários sobre as mães, transcrevo trechos das entrevistas de moças e rapazes como ilustração:

Rita: “a noite passada nem dormi direito por causa dessa entrevista. Eu fiquei muito aflita porque não sabia o que você ia perguntar e sempre fico angustiada de saber que estou sendo observada. Não sei explicar mas tive medo. Mas depois acabou sendo muito legal e me senti muito à vontade de falar essas coisas todas.”

Rui: “Bom, eu fiquei curioso pra saber como seria a entrevista. Fui até perguntar pro papai (papai foi o primeiro, né?) o que você tinha perguntado e se era muito chato. Mas ninguém quis me dizer nada. No começo da entrevista eu fiquei meio assim... mais preso, sabe? Mas depois ficou mais fácil e fui me soltando.”

Fábio: “antes da entrevista fiquei um pouco grilado, sabe? Fiquei pensando: porra, qual é a dessa mulher? Mas aí fiquei empolgado com a transa do teu trabalho. Você acredita que a canoa não está furada, entende?”

Eu acho isso legal. Ou se a canoa tá furada você pode dar o rabo pra tampar o rombo, entende? Aí entrei numa de te ajudar. Mas é a primeira entrevista e por isso fiquei nervoso, tá sabendo? Além do mais você não é minha amiga e entrou em vários assuntos — meus ideais, minha área afetiva, minha transa sexual — que são coisas que eu só converso com amigos. E também a situação agressiva que o ‘senhor aí’ (gravador) traz. Aí fiquei meio griladão. Aí, porra, depois eu fui me sentindo mais tranqüilo, fui falando as coisas, certo? Queria mesmo falar destes sentimentos, morou? Dessas coisas que estão acontecendo e que estão sendo sufocadas, morou? É difícil falar dessas coisas com pessoas estranhas. Mas você não, pô. Você transa numa legal, você sabe ouvir. Mas pessoas que não sabem ouvir não dá, morou?”

Flávia: “Quando ouvi falar do teu trabalho eu achei uma coisa legal e de cara topei fazer. Quando naquele primeiro dia eu te vi lá na sala te achei muito nervosa e comecei a pensar na tua posição, sabe? Meio barra de estar enfrentando aquele monte de gente naquela confusão. Eu achei que ia ficar mais preocupada com o tipo de pergunta. Mas foram raras as vezes que eu parei pra pensar na linguagem que eu estava usando e nas coisas que eu estava dizendo. Fiquei tranqüila e acho que foi legal pra mim ter me sentido tranqüila. Gostei.”

Marcos: “Antes de você ir lá em casa eu pensei que era um questionário. Quando você foi lá na quinta-feira é que eu soube como era a coisa. Fiquei tranqüilo mas curioso. Tanto que perguntei pra mamãe: “como foi? tudo legal?”. Hoje eu comecei meio assim mas com uns cinco minutos de conversa eu me descontraí totalmente. Bacana. Espero ter te ajudado.”

Patrícia: “Não é muito fácil falar de coisas tão íntimas, né? Eu pelo menos não consigo falar minhas coisas sem conhecer as pessoas. Mas dependendo do jeito da gente conversar fica mais fácil falar. E você leva o papo assim muito informal, muito calma e com a voz muito controlada. É como se a gente já se conhecesse. Você não força as coisas, você sabe levar, sabe dar um jeitinho na hora.”

Paulinho: (que não estava presente no primeiro encontro): “Bom, quando me falaram da tua entrevista falei logo que topava desde que eu me mantivesse dentro da minha liberdade. O que eu achasse que não devia responder, não responderia. No começo eu estava mais em guarda pra ver o que você ia perguntar, pra ver se você ia ou não atingir minha liberdade individual. Mas depois eu vi que você não estava procurando aquilo e também as perguntas não foram tão diretamente íntimas.”

Paloma: “Naquele primeiro dia que você veio aqui eu senti que você não estava... não sei... estava muito ausente. Parece que não gostou. Eu estranhei porque o pessoal daqui de casa faz com que as pessoas se sintam muito à vontade. Durante a entrevista me senti bem. Respondi as perguntas sem nenhum problema.”

Felipe: “Com toda sinceridade, quando você veio aqui para explicar como iam ser as entrevistas eu fiquei pensando nos temas que você podia abordar e fiquei pensando nas coisas que eu ia te responder. Queria ter alguma coisa mais ou menos pré-estabelecida pra falar, sabe, né? Mas depois pra te falar a verdade eu acabei desistindo de arrumar tanto as coisas. Durante a entrevista me senti muito à vontade. Eu gosto de falar dessas coisas que estão no limiar da privacidade.”

Como é notório, a grande maioria dos informantes marca uma diferença entre os momentos iniciais do encontro e seu curso posterior, acentuando um relaxamento progressivo. Não foi aleatória a decisão de iniciar os encontros individuais falando sobre a vida profissional e/ou acadêmica dessas pessoas. Eu suponha que, sendo este um tema mais impessoal e menos delicado, a conversa em torno dele forneceria o tempo necessário para uma acomodação no nosso relacionamento.

Além do mais, na relação com o entrevistado parece importante que o pesquisador saiba “até onde pode ir” com cada um desses informantes mas para isso não existem regras pré-determinadas. Em parte, a própria experiência no trabalho de campo me ensinou a perceber esses limites. Com respeito aos pais (homens), por exemplo, entendi que o fato de se mostrarem menos fluentes ao se referirem à esfera doméstica não comprometia o desenrolar da pesquisa mas, pelo contrário, já era um resultado importante da mesma. O caso mais extremo ocorreu com o pai da família A. A

título de ilustração: quando pedi a Antônio que me falasse de cada um de seus filhos, ele retrucou: “bom, aqui em casa existem os introvertidos e os extrovertidos”. Citou aqueles que, a seu ver, se encaixavam dentro de cada uma dessas categorias e deu por finda sua resposta. Tenho consciência que mesmo que meu encontro com ele tivesse se prolongado por muitas horas, todas as informações que ele poderia e estaria disposto a me dar não ultrapassariam esse nível de superficialidade.

Nesse sentido, não só respeitei o alcance das respostas dadas por cada uma dessas pessoas mas também tive o cuidado de só fazer perguntas mais delicadas em áreas mais sensíveis quando sentia segurança de que meu contato com o informante estava suficientemente sedimentado.

De um modo geral acredito que as entrevistas tenham sido bem conduzidas. É possível que em alguns casos tenha ido alguém do que, de fato, poderia mas em apenas um deles senti, com clareza, ter ultrapassado os limites desejáveis. Isso ocorreu com a mãe da família A. Antônio, no primeiro encontro, mostrou-se muito segura, afirmando inclusive que ela, como psicóloga, já sabia até mesmo o que eu iria perguntar. No entanto, esta foi, sem dúvida, a mais tensa das trinta e nove entrevistas feitas. Um primeiro incidente desagradável ocorreu quando eu estava trocando a fita do gravador e ela me perguntou se Andréa — com quem eu me havia encontrado no dia anterior — havia falado mal do pai. Delicadamente argumentei que preferiria não responder, dado que isso infringia uma das regras básicas estabelecidas na reunião coletiva. A partir daí criou-se uma situação de constrangimento. Por algumas vezes ela se mostrou mais agressiva: quando eu lhe fazia uma pergunta ela afirmava já tê-la respondido. Quando lhe perguntei se suas filhas eram virgens ela retrucou “claro que sim”. Mas, depois de ter desligado o gravador e estar me preparando para ir embora, ela disse ter ouvido mal a questão e que uma de suas filhas já tivera relações com um rapaz. A moça ainda não tinha sido entrevistada e pareceu-me que Antônio teve certeza de que seria desmentida pela filha, visto que esse fato havia provocado, inclusive, uma verdadeira crise familiar. Pedi licença para ligar novamente o gravador pois seu depoimento era importante para o trabalho. Ela concordou de um modo pouco enfático e expôs o caso de forma muito emocionada. Hoje eu não repetiria esse pedido, pois, embora fosse algo importante a ser gravado, acredito que tenha sido uma atitude violenta e pouco hábil da minha parte. Ainda que tal ocorrência não tenha prejudicado as entrevistas com os filhos sei que ela comprometeu, pelo menos de início, o encontro com o

pai. Antônio não esteve presente na primeira reunião e no dia em que fui entrevistá-lo ele usou sua filha Andréa (que na época era minha aluna) para me comunicar que não dispunha de muito tempo e que o encontro deveria ser o mais breve possível. Ao lhe perguntar quanto tempo ele poderia me conceder, Antônio falou em trinta a quarenta minutos. A entrevista, que transcorreu sem maiores dificuldades, foi feita em uma hora. No entanto, esse foi não só o mais curto como também o mais impessoal de todos os encontros efetuados.

Até o momento procurei enfatizar, basicamente, aquilo que pude perceber dos informantes. Cabe agora ressaltar, com mais detalhes, as sensações e as dificuldades que vivenciei no papel de entrevistadora.

Se funcionei como elemento mobilizador para os entrevistados, quero frisar que isso foi recíproco: o trabalho de campo foi, para mim, altamente mobilizante. Embora simpatizasse diferentemente com as pessoas — por motivos nem sempre claros para mim — esses encontros nunca me foram indiferentes. Compartilhava de muitas de suas dúvidas e sentimentos e muitas vezes sentia uma forte identificação com aquilo que alguns dos informantes me diziam. Não era nada confortável saber que tinha provocado noites de insônia e outros tipos de tensão nessas pessoas. Com muita frequência as entrevistas acionavam emoções mais violentas: duas mães choraram durante nosso encontro enquanto que outros expressaram um intenso envolvimento frente a alguns dos temas abordados. Tudo isso se refletia sobre mim e, nesse sentido, se “invadi” essas pessoas fui, concomitantemente, “invadida” por elas.

A própria natureza do tema escolhido acentua a dificuldade da isenção. Com bastante frequência, depois de desligado o gravador, permanecia por mais tempo com o informante não mais desempenhando o papel de pesquisadora mas antes como uma “igual”. Por vezes, nessas ocasiões, fiz referência inclusive a assuntos meus de ordem mais pessoal. No entanto, mesmo durante as entrevistas propriamente ditas percebi, que, em determinadas situações, perdia o contorno entre meu papel enquanto entrevistadora e enquanto pessoa. É óbvio que era mais fácil manter um certo distanciamento quando as pessoas e/ou itens abordados eram mais impessoais. Mas quando este não era o caso tenho consciência que minha confusão de identidades se acentuava. Assim, embora procurando ser o mais imparcial possível, sei que nem sempre obtive sucesso: não só os informantes percebiam meus sentimentos através de expressões faciais — nem sempre controláveis — como também por vezes infringi — intencional ou inadvertidamente — as regras de en-

caminhamento das entrevistas. Cito os exemplos que me pareceram mais marcantes.

Faltando uns trinta minutos para encerrar a entrevista com Fernanda, numa atitude impulsiva, mas consciente, disse-lhe que, desde o primeiro encontro, sua família me havia transmitido muita vitalidade e aconchego. Não tenho dúvida de que essa interferência de opinião do pesquisador é arriscada. Ainda que nesse caso não tenha percebido nenhum desvirtuamento na condução do encontro (a informante, embora satisfeita com o meu comentário, prosseguiu seu depoimento na mesma diretriz mantida até então) tive outra experiência em que uma atitude minha comprometeu a entrevista — ou, pelo menos, parte dela. Quando Cláudia falava do namoro de uma de suas filhas com um homem desquitado me perguntou se eu achava que isso “tinha alguma coisa de mais”. Inteiramente distraída respondi que “não” ao que ela retrucou: “pois é. Eu também não”. No entanto, a partir desse momento senti claramente uma mudança de direção do seu discurso. É como se ela tivesse percebido “de que lado eu estava”. Parece ter inferido que minha visão se assemelhava à de suas próprias filhas e, em algumas de suas respostas posteriores sobre temas correlatos, Cláudia parecia estar preocupada em dar respostas que, a seu ver, eu considerava “corretas”. Não acredito que ela tenha mentido de modo deliberado, mas sim que, frente a ambigüidades, a informante tenha procurado ressaltar o lado que, segundo sua perspectiva, se coadunava com as minhas expectativas.

Ao fazer referência ao casamento de seu filho — marcado para alguns meses depois do nosso encontro — Maria me perguntou se eu não achava que ele era ainda muito jovem para assumir esse compromisso. Naquele momento não me senti à vontade para não responder ou para adiar minha opinião para quando a entrevista estivesse terminada. Segundo a informante, minha resposta lhe trouxe muito “alívio” e o prosseguimento do encontro não sofreu qualquer alteração.

Em suma, sei que infringi normas de imparcialidade na coleta dos dados. Em alguns casos esse procedimento não parece ter afetado o comportamento dos informantes enquanto que em outros revelou ser inconveniente. Nesse sentido, acredito que seja difícil impor, *a priori*, padrões rígidos à interação entre entrevistado e entrevistador, visto que uma mesma atitude por parte desse último pode ocasionar efeitos diversos sobre diferentes pessoas.

Uma relação mais pessoal, menos formal e hierarquizada parece ser positiva na medida em que estabelece um clima de menor tensão facilitando uma maior abertura por parte do informante.

Contudo, a ultrapassagem de determinados limites apresenta desvantagens, como o caso de Cláudia deixou patente. Não conheço nenhuma solução fácil para delimitar, com precisão, que limites são esses.

Estou ciente que, por vezes, não consegui distinguir entre uma maior flexibilidade na relação com os entrevistados com uma dificuldade — talvez acentuada por características pessoais — de estabelecer um contorno mais claro entre meu papel enquanto entrevistadora e enquanto pessoa também envolvida pelos temas abordados. É possível que daí também tenha derivado a confusão que por vezes percebia por parte dos próprios informantes com relação a mim: às vezes era tratada como socióloga, outras vezes como amiga, outras como filha e até mesmo alguns informantes, explicitamente, compararam meu papel com o de uma psicanalista.

Acredito que essa superposição de papéis bem como o envolvimento sejam características inerentes e mesmo inevitáveis à relação entre entrevistado e entrevistador, embora, como é óbvio, elas possam evidenciar-se em maior ou menor grau, dependendo não só do tema em pauta como também das idiossincrasias do próprio investigador. Portanto, parece-me que o ponto central não é a discussão de como proceder para atingir a imparcialidade mas antes, o de explicitar, sempre que possível, o modo como foi conduzido o trabalho de campo. Endosso assim a posição de alguns autores também voltados para aquilo que se convencionou chamar de "análise qualitativa" acerca da necessidade de uma maior sistematização dos problemas concretos enfrentados pelos estudiosos durante essa etapa da pesquisa e a forma como foram respondidos.³ Creio que, por um lado, seja possível, a partir dessa troca de experiências, repensar a relação entre entrevistado e entrevistador. Ademais, acredito que essa tarefa seja também importante pois permite ao leitor precisar em que medida e em que direção o "clima" estabelecido nesse relacionamento tenha afetado tanto a coleta do material quanto a análise dos dados. Esse relatório foi escrito visando esse duplo propósito e espera ter contribuído para o cabedal de conhecimentos — ou, pelo menos de indagações — nessa área até agora tão pouco codificada.

B. A Versão Quantitativa

³ Ver, por exemplo, H.M. Trice, "The 'Outsider's' Role in Field Study" em *Qualitative Methodology*, William J. Filstead (org.), Chicago, Markham Publishing Co, 1970.